



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de convênio entre a Confederação Nacional da Indústria e o Ministério da Educação

Brasília – DF, 23 de abril de 2003

Meu caro presidente da CNI, Hermano Monteiro Neto,
Meu companheiro Cristovam, ministro da Educação,
Meu caro governador de Goiás, Marconi Perillo,
Minha querida esposa,

Jair Meneghelli, presidente do Conselho do Sesi, em nome de quem quero cumprimentar a todos os ministros, empresários, dirigentes das Federações das Indústrias de quase todos os estados brasileiros e os meninos que, tão orgulhosamente, estão com a camisa do Sesi,

Eu, antes de ler o meu pronunciamento, quero tocar num assunto que o Armando comentou aqui. Muitas vezes, você sai à procura de um tesouro perdido. E todo mundo que sai, tem a idéia fixa de que vai encontrar o tesouro abarrotado de alguma coisa. E, muitas vezes, a frustração é que você encontra o tesouro não tão cheio quanto você queria.

Todos nós sabíamos a situação do Brasil. Pelo menos em parte, duvido que algum empresário, que algum sindicalista, que algum jornalista bem informado não tivesse consciência da situação do Brasil. Mas a gente, de fora, nunca soube o tamanho e a quantidade de coisas que a gente iria encontrar.

O dado concreto, Armando, é que o Brasil precisa assumir um compromisso consigo mesmo. Durante muitos e muitos anos, nós chorávamos pelos quatro cantos do mundo, sempre tentando encontrar alguém para justificar, muitas vezes, a nossa ineficácia. Isso vale para o Brasil e vale para outros países.

Alguns empresários lembram daquele importante debate do qual eu participei,



onde assumi os compromissos que nortearam toda a minha campanha. E eu disse a vocês que iria cumpri-los, um a um.

Estamos há apenas poucos meses no governo e, com a participação dos 27 governadores de estado brasileiros, vamos, no final deste mês, entregar o projeto de política tributária e de reforma da Previdência para o Congresso Nacional. E bem sabe o companheiro Marconi Perillo – que esteve na reunião dos governadores comigo – que nós temos a nítida consciência da independência e da autonomia do Congresso Nacional para discutir com quem quer que seja e para mudar aquilo que entenda que deva mudar.

Entretanto, chegou um momento da história do Brasil no qual a gente vai ter que decidir se quer continuar com um Brasil onde menos de 50 milhões têm acesso aos bens materiais que este país produz ou se quer um país onde todos os seus filhos e filhas tenham acesso aos bens materiais que nós produzimos.

E isso está relacionado com a questão da alfabetização. Relaciona-se com outras coisas que precisamos fazer no Brasil. Quando falamos de alfabetização, nos lembramos que, durante muitos anos, quando se falava em educação, dizia-se: “Eu não posso fazer tal investimento porque custa muito caro.” E, em nome de uma economia insensata, não se investiu em educação. E, hoje, cada um de nós poderia encostar a cabeça no travesseiro e perguntar a nós mesmos: quanto custou e quanto custa para este país não ter alfabetizado seu povo há 30, 40 ou 50 anos?

Vamos lembrar de países que foram destruídos por guerras, que cresceram menos do que o Brasil e que conseguiram se tornar uma potência econômica muito maior do que o Brasil exatamente, meu caro José, porque acreditavam que a educação era e é a base fundamental para que um país possa crescer e se tornar uma grande nação.

Não existe no planeta Terra, em nenhum momento da história da Humanidade, qualquer país do mundo que tenha crescido, se desenvolvido e distribuído renda com base no analfabetismo, com base na má qualidade da educação. Ou acreditamos nisso e fazemos um esforço muito grande ou a gente não



recupera o tempo perdido... quero dizer a vocês: não depende de dinheiro apenas. Dinheiro, muitas vezes, é necessário, mas, muitas vezes, é desculpa. Depende muito mais de motivarmos a sociedade brasileira para determinadas tarefas que não são da responsabilidade de um Governo. Muitas tarefas podem ser assumidas e assimiladas pela sociedade como um todo.

O Cristovam citou três milhões de estudantes. Numa população de 175 milhões de habitantes, se 10% dos alfabetizados resolvessem ensinar os analfabetos, possivelmente nós faríamos um milagre, em que os calculistas pesquisadores não entenderiam o que aconteceu no nosso país.

Portanto, acho que está nas nossas mãos, Cristovam. E este acordo é um passo extremamente importante. Espero que ele sirva de lição para que outros segmentos da sociedade, para que outras entidades possam assumir o mesmo compromisso, porque, aí, vamos descobrir que o dinheiro nunca foi o grande problema deste país. O grande problema é que, muitas vezes, a miséria e o analfabetismo transformaram-se numa forma eficaz de perpetuação de uma elite no poder. E acho que é possível começar a mudar isso agora.

Eu quero aproveitar este momento e a presença de todos vocês, aqui, para lembrar a figura do maior educador brasileiro, o nosso saudoso companheiro Paulo Freire.

Faço isso por dois motivos.

Primeiro – e isso é evidente para todos nós –, a obra de Paulo Freire continua sendo a nossa maior referência quando o assunto é alfabetização e cidadania.

Segundo – e isso eu já não sei se todos sabem – Paulo Freire começou a trabalhar como alfabetizador no Sesi. Isso foi em 1947. O Sesi tinha apenas um ano de vida e ele foi ser o diretor de Educação e Cultura. Ficou lá por 10 anos e todo mundo sabe o quanto ele deixou lá de coisas boas.

Depois, ele continuou seu caminho, levando ao mundo sua maneira única de educar e conscientizar jovens e adultos. E o Sesi também foi em frente, constituindo-se em uma das redes sociais mais bem-sucedidas do nosso Brasil.



Hoje, porém, aqui nesta sala, as idéias de Paulo Freire e os objetivos da Confederação Nacional da Indústria e do Sesi voltam a se encontrar.

Por isso, só posso dar os parabéns à CNI e ao Sesi por esse compromisso que hoje eles estão assumindo, de alfabetizar dois milhões de jovens e adultos em quatro anos. E eu, particularmente, estou feliz, e tenho certeza de que o nosso querido Paulo Freire também estaria. E, quem sabe, de onde ele está, está sorrindo como nós, aqui.

Estou feliz porque tenho um compromisso – assumido durante a minha trajetória política – de trabalhar para erradicar o analfabetismo, de uma vez por todas, em nosso país.

E para cumprir esse objetivo, que é também um sonho de muitos brasileiros, precisamos de um pacto nacional pela educação.

Precisamos envolver os diferentes segmentos da sociedade para que sejam nossos parceiros nesta empreitada. Essa, como vocês sabem, é uma marca do nosso Governo.

Queremos alfabetizar 20 milhões de jovens e adultos nos próximos quatro anos. E todo mundo sabe: isso não é pouco. É uma meta ambiciosa, mas que pode ser alcançada. Depende não apenas de vontade política, mas de projetos criativos, bem concebidos, e da nossa união de forças. Vocês aqui estão dando um exemplo disso.

Esse acordo entre o MEC e a CNI, o maior que já fizemos até agora, está nesse rumo de alcançar, definitivamente, o fim do analfabetismo.

Governos estaduais estão assinando convênios, como o da Paraíba, que foi o primeiro a fazê-lo, sem falar das iniciativas da sociedade civil como, por exemplo, a da Pastoral da Criança. Queremos ter tantos parceiros quanto pudermos para garantir que o Brasil vença de fato, e definitivamente, o analfabetismo.

O Sesi, como vocês sabem – e vimos, aqui, no vídeo –, desenvolve projetos de educação, inclusive de jovens e adultos, desde que foi criado. Mas agora a entidade será parceira de um programa do Governo Federal, oferecendo para isso



sua estrutura, seu pessoal e parte de seu orçamento.

Isso só ocorre quando Governo e sociedade têm as mesmas prioridades. Isso só ocorre quando há o entendimento de que é preciso somar forças em nome de um objetivo comum. No caso, o resgate da cidadania por meio da educação.

Até o final de 2003, esse convênio que está sendo assinado hoje vai garantir que 300 mil pessoas – de uma meta de três milhões que o Ministério estabeleceu – sejam alfabetizadas. Além disso, nada menos de 14 mil empregos diretos surgirão nesse processo.

A esta altura, vocês devem estar se perguntando: será que o Lula vem aqui na CNI falar sobre educação e nem vai falar do Senai? E, aqui, eu queria falar sobre um capítulo à parte, que não está nem escrito.

O Gerson Peres se lembra: na Constituinte de 87 havia uma famosa guerra, da qual alguns amigos meus faziam parte, sobre a questão de acabar com os “esses” do Brasil. E, muitas vezes, eu não entendia o argumento. Porque eu sempre achei que você não precisa acabar com tudo que está errado, você pode consertar. Você não acaba com a Sudene, com a Sudam, você conserta. Prende os corruptos e conserta.

E eu me lembro do trabalho que tive, na minha pequena bancada – que era só de 16 deputados, mas éramos valentes – para tentar convencê-los que era inexplicável acabar com aquelas entidades. Ninguém iria entender você propor acabar com as coisas que tinham ajudado tanta gente.

Possivelmente, muita gente que fala em acabar com essas entidades, nunca passou nem pelo Sesi, nem pelo Senai, nem pelo Sesc. E talvez não tenham a dimensão do trabalho delas.

Uma pessoa comum, que nasce numa rua que tem guia, sarjeta e asfalto, não tem a dimensão do valor do asfalto numa periferia. Não tem a dimensão do que é um trabalhador sair descalço, pisando em barro vermelho e chegar para pegar o ônibus, com três quilos de barro – daria para fazer uma casinha, se ele tivesse um pouco de cimento para misturar ali. Então, quando se coloca uma simples guia,



aquilo vira um milagre.

Na educação é assim. As pessoas, quando tiverem acesso a universidades, ou tiverem coisas melhores, então vão pensar: “Olha, isso não deve ser bom, porque isso é ligado aos empresários. Então, isso não deve ser bom”.

Mas, sabe o que acontece? E essa é a minha grande tese. Eu sou filho de uma mulher analfabeta, que já morreu. E eu, de oito filhos, fui o primeiro a ter um diploma profissional. Por conta desse diploma profissional, eu fui o primeiro a ter uma casa, uma televisão, um carro. Eu fui virando “chique”, fui tendo as coisas. E tudo por conta de um diploma. Eu fazia questão de dizer, o Gerson Peres é testemunha, de que eu vivi o melhor momento da minha vida no Senai. Foi lá que eu comecei a ganhar mais que o salário mínimo. E como é bom ganhar mais que o salário mínimo! Como é bom você ganhar uma “merrequinha” assim, depois você ter uma profissão, sair com uma carteira profissional e escolher, naquele tempo – hoje, não pode mais – você podia escolher o emprego: “Não, esse aqui eu não quero. Está pagando pouco. Vou para outro lugar.”

E isso, para mim, foi a minha primeira conquista de cidadania. Foi um curso profissionalizante que eu tive a sorte de fazer, que tive a chance de fazer, porque cheguei em uma rua, na porta da fábrica, no momento em que a fábrica estava colocando uma placa, na qual estava escrito que precisavam de um menino para mandar para o Senai. E fui para o Senai, Armando. Eu não tinha noção. O meu sonho era ser mecânico. Eu não sabia nem o que era, mas eu queria ser mecânico porque eu tinha um irmão mais velho que se sujava de graxa, que era mecânico de carros, então... eu queria ser mecânico. Aí, entrei na fábrica de parafusos Marte, fui lá, me inscrevi, fiz a ficha, fui ao Senai, passei no teste. Eu não sabia o que era um torno. Passei na frente de uma prensa e achava que aquilo era um torno, tal era a minha ignorância dentro de uma fábrica.

Foi esse diploma, que consegui em 1963, que me levou para a Villares, e que depois, me levou para o sindicato. Fui Presidente do sindicato e, de muito teimoso que sou, José, hoje estou aqui, como Presidente da República.



Então, acho que apostar na educação é a coisa mais importante que temos que fazer agora. A educação e a luta contra a fome, porque Paulo Freire já dizia que ele descobriu que era inteligente depois que ele começou a comer bem. É verdade, porque uma criança com fome não consegue aprender na escola, não tem nem apetite para aprender. Então, acho que esses são os dois males – como dizia uma poetisa, que esqueço o nome, Eliza Lucinda, lá do Espírito Santo –, “a fome é o apetite sem esperança e o analfabetismo é a cegueira de uma pessoa que enxerga”.

E, Cristovam, não fique muito preocupado, porque tem uma coisa: quem tem pressa come cru. A gente não deve se apressar pelos dias. Se a gente começar a contar os dias que faltam para terminar o mandato e quiser fazer tudo, a gente termina dando trombada. Daqui a pouco, a imprensa começa a cobrar: “Disse que ia alfabetizar 20 milhões, mas alfabetizou só 19 milhões e 999 e não atendeu”. Não se preocupe com isso, Cristovam. E todos vocês, não temos que nos preocupar. Nós temos um objetivo, sabemos que tem 20 milhões de analfabetos neste país, e nós queremos acabar com todos. Se não der para acabar com todos, mas alfabetizar 5 milhões, já será uma vitória extraordinária neste país. Se forem 10 milhões, então, nem se fala. E, Cristovam, você é ministro da Educação. Cuidado, Cristovam, com essa educação continuada. Cuidado, Cristovam, porque é preciso saber se as nossas crianças estão realmente aprendendo. Essa é uma tarefa maluca, porque tão grave quanto o analfabetismo é uma criança ficar dois, três, quatro anos numa escola, repetindo todo ano.

Eu tinha um mestre, que deve ser seu também. Ele dizia assim para mim: “Lula, quando uma pessoa vai ensinar outra e essa pessoa fala alguma coisa e a outra não entendeu, significa que quem não entendeu é burro. Se fala a segunda vez e a pessoa ainda não entendeu, a pessoa continua burra. Mas se fala a terceira vez e a pessoa não entendeu, burro é quem está falando.”

Nós precisamos ter um cuidado excepcional, porque, viu Cristovam, nós temos professores mal remunerados no país, muitas vezes, desmotivados, porque, antigamente, o professor no Brasil era tratado com grande carinho. Não que tivesse



ganhado bem algum dia, mas era tratado como uma profissão nobre. Ser professora ou professor era ser personalidade na rua, no bairro, na cidade. Tem tantas músicas de professoras, de normalistas. Hoje, não. Hoje, a maioria das professoras, nas escolas públicas deste país, vive um dilema: não têm condições de fazer processos de reciclagem. Às vezes, a criança vai para a escola e o problema da criança não é o de aprender, mas é de comer; às vezes, a professora tem que cuidar se a criança está com piolho, tirar piolho da criança; às vezes o vandalismo está permeando, cercando todas as escolas públicas. Quando uma professora chama a atenção de um aluno, ela é esperada na esquina, no outro dia, e às vezes apanha, como nós temos visto nos jornais e na imprensa, todo santo dia.

Então, Cristovam, você sabe que a nossa revolução não é apenas alfabetizar, é alfabetizar, recuperar a dignidade do professor brasileiro e dar sentido a uma escola pública. A escola pública não pode ser o gueto da educação, a escola pública tem que voltar a ser aquilo que já foi. Os grandes mestres da cultura brasileira, todos eles, estudaram em escolas públicas que eram de melhor qualidade. Todos eles. De Florestan Fernandes a Antônio Cândido, todos passaram por escolas públicas. Hoje, nós sabemos que não é mais assim.

Então você percebe, Cristovam, que a nossa tarefa, além de alfabetizar, é recuperar a auto-estima de todos os educadores brasileiros. Isso passa por recuperar a dignidade e a decência das nossas escolas públicas. Você percebe que a sua tarefa é muito maior, porque na tarefa de alfabetizar você já teve uma colher de chá, a CNI já está assumindo dois milhões de jovens e adultos. Daqui a pouco, você vai perceber que vai ter parceria e gente assumindo pelo menos 10 milhões ou 12 milhões. E essa outra parte será você que vai ter que fazer.

Gente, do fundo do coração, Armando, Meneguelli, todos aqueles que participam da CNI e do Sesi, vocês estão prestando mais um grande serviço à sociedade brasileira. Eu não sei como é que vocês reagem, mas quando vocês vêem um companheiro, como este, dizer o que ele falou aqui, se vocês não tivessem feito nada na vida, já seria motivo de orgulho, porque valeu a pena acreditar no



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

brasileiro.

Muito obrigado.

/mcpro/lrj/vpm